

“TOMA TUA CRUZ E SEGUE-ME” - SER MAIS FIEL A JESUS CRISTO
Geraldo Nunes Filho, Seminário Teológico Nazareno do Brasil, Campinas, SP, Brasil

Ler as duas perspectivas do tema nesta resposta aos expositores Deirdre Brower Latz e Ruben Fernandez foi significante, pela integralidade no desenvolvimento da temática de ambos. Mesmo procedentes de contexto completamente diferentes (Reino Unido e Costa Rica (Mesoamerica) e a milhares de quilômetros de distância viu-se uma delicada preocupação de enfatizar a importância de ressignificar o valor de **tomar a cruz e seguir, e ser mais fiel a Jesus Cristo.**

É mister, assumirmos desde então, que o binômio cruz e discipulado são inseparáveis. Não se pode admitir um sem o outro. Cruz é discipulado e discipulado é cruz. Não importa em que contexto estejamos, precisamos assumir de forma ampla e completa que se queremos que os valores do Reino de Deus sejam implantados nesta sociedade é preciso de uma vez por todas nosso compromisso de pagar o preço de tomar nossa cruz. Fica claro que precisamos assumir de forma prática. Não se concebe a ideia de uma decisão tomada no ímpeto de um estado emocional. É uma decisão de fé com absoluta racionalidade. Este seguir a Cristo implica na responsabilidade de priorizar os preceitos do Reino em sua própria vida. O escritor Mateus 5 quando apresenta as bem-aventuranças deixa claro esses valores tais como: Pobreza de espírito (que não significa pobreza material), chorar com os que choram, mansidão, fome e sede de justiça (tão necessário em todos os contextos globais que vivemos), misericórdia, pureza de coração (da forma mais simples, mente apta para olhar os outros sem julgamentos), pacificadores, sofrer perseguição (aqui precisamos entender esta palavra perseguição - é por causa da justiça).

Nosso mundo anda tão hostil a uma proposta de discipulado cristocêntrico que quase ficamos sem uma verdadeira prática de um evangelho transformador neste mundo.

A cruz no contexto brasileiro

Refletir sobre a realidade de um contexto como o brasileiro, é necessário que antes de qualquer coisa seja definido o que é este “tomar a cruz”. Para tanto, Josemar Bessa, citando Dietrich Bonhoeffer destaca com clareza inequívoca o que realmente é a cruz. Ele afirma cruz é compaixão com Cristo, sofrer com Cristo. Veja de forma mais ampla o que seu pensamento:

“A cruz não é desventura nem pesado destino; é o sofrimento que resulta da união exclusiva com Cristo. A cruz não é sofrimento casual, mas sofrimento necessário. A cruz não é sofrimento relacionado com a existência natural, mas com o fato de pertencermos a Cristo. A cruz não é, essencialmente, apenas sofrimento, mas sim sofrimento e rejeição - rejeição no sentido rigoroso, rejeição por amor de Jesus Cristo, e não em consequência de qualquer outra atitude ou confissão. Um cristianismo que não vinha mais tomando o discipulado a sério, que transformara o Evangelho no consolo da graça barata e para o qual a existência natural e a existência cristã estavam inseparavelmente misturadas, tal cristianismo tinha que considerar a cruz uma desventura diária, uma tribulação e angústia de nossa vida natural. Esqueceu-se que cruz significa sempre também rejeição, que o opróbrio do sofrimento é inerente à cruz. Ser rejeitado no sofrimento, desprezado e abandonado pelos seres humanos, como se lamenta tanto o Salmista, eis a característica essencial do sofrimento da cruz que já não é compreensível a uma cristandade incapaz de distinguir entre existência civil e existência cristã. A cruz é a compaixão com Cristo, sofrer com Cristo. Somente a união com Cristo, tal como está se verifica no discipulado, está, de fato, sob a cruz.”¹

Percebe-se que a “tomar a cruz” dentro de nossas culturas é muito mais do que ver pessoas sendo oprimidas por qualquer aspecto seja político, contextual ou governamental. Deirdre B. Latz deixa claro, citando a Kosuke Koyama quando diz: “A mensagem da cruz

¹ Bessa, Josemar. *O discipulado e a Cruz – Dietrich Bonhoeffer – consultado*, <http://www.josemarbessa.com/2010/07/o-discipulado-e-cruz-dietrich.html>

vem a nós e sacode nossa espiritualidade e mentalidade”². É exatamente assim que vamos impactar nossa sociedade com uma mensagem da cruz que vai transformar nossa própria vida bem como ao nosso entorno.

Para que nossa reflexão neste artigo deve-se clarificar que tanto Latz quanto Fernández foram muito felizes em suas abordagens sobre os contextos onde estão inseridos. Claro que aspectos históricos, como por exemplo a chegada dos primeiros cristãos em solo latino-americano foi referente para o desenvolvimento do mesmo em todo o continente. Fernández destaca “*A cruz na conquista de Mesoamerica*” afirmando que os conquistadores tinham a Bíblia e nós a terra. E nos disseram: *Fechem os olhos e rezem. E quando abrimos os olhos, eles tinham a terra e nós tínhamos a Bíblia. Fernandez toma estas palavras do Arcebispo Demond Tutu que se referia desta maneira sobre a conquista da África, e que vale para Mesoamerica.*”³ E sem medo de errar pode-se afirmar para toda América latina e porque não afirmar para Brasil que não tem uma história mais desafiadora que nossos irmãos do continente que estamos inseridos.

Avaliemos um pouco sobre a realidade do gigante Brasil que está imerso dentro do continente latino-americano com todas suas próprias idiossincrasias e modelos herdados dos primeiros colonizadores.

“A história evangélica em nosso país começou, na verdade, no século 16, há pouco mais de 500 anos, por ocasião da vinda de huguenotes franceses ao Rio de Janeiro para fundar a França Antártica. Entretanto, em pouco tempo, esse projeto inicial terminou, sepultado sob o sangue de mártires. A segunda tentativa se deu no século 17, com os cristãos holandeses reformados, que fizeram um belo trabalho no

² Kosuke Koyama, *No Handre on the Cross: An Asia Meditation on the Crucified Mind*. Eugene Orego, Wipf and Stock. 2010,8.

³ Galeano, Eduardo. *Ser como ellos y otros artículos*, p. 27. Consultado 21 de septiembre de 2017 de: <https://lahistoriadeldiablo.wordpress.com/2016/02/03/eduardo-galeano-ser-como-ellos-descargar-texto>

Nordeste do Brasil há pouco mais de 350 anos, inclusive entre os índios, mas foram sufocados até a morte pelos portugueses, que, além dos óbvios interesses políticos (queriam voltar a colonizar a região), reproduziram a perseguição católica romana em terras brasileiras, o que também acontecera no Rio de Janeiro no século anterior (como no caso da execução do teólogo huguenote Jacques Le Balleur).

Foi apenas no século 19, com a chegada da família real portuguesa, que as portas começaram a se abrir de vez para o Evangelho no Brasil. Justamente por isso, considera-se a história do evangelicalismo brasileiro como tendo início, de fato, no século 19, apesar dos antecedentes dos séculos 16 e 17.”⁴

Na mesma resenha histórica do CPAD News afirma que os primeiros protestantes ao chegarem no Brasil foram os anglicanos por volta de 1810 a 1819 e realizaram cultos no Rio de Janeiro. Logo em 1836 chegaram os metodistas. Em 1836 os luteranos. Os congregacionais chegaram em 1855, que foram considerados os fundadores da Escola Dominical no Brasil. Os presbiterianos aportaram no Rio de Janeiro em 1859 e os primeiros missionários batista em 1881. Em 1910 começaram a chegar os primeiros pentecostais.

O mesmo articulista afirma que o primeiro recenseamento nacional ocorreu em 1872 e que nesta época nem fomos contados. Inclusive uma estimativa que nesta época éramos uma média de 50 mil cristãos evangélicos. Foi só no segundo recenseamento que os evangélicos foram incluídos. Mas, para fazermos algumas conclusões mais enfáticas sobre o papel que exerce a cruz sobre uma nação precisamos ainda ver algumas estatísticas do Instituto Brasileiro de Estatísticas-IBGE em seu Anuário Estatístico.

“...em 1890, éramos 143.743 (1% da população); em 1940, éramos 1.074.857 (2,6%), o que representava um crescimento de 648% em 50 anos; em 1950, éramos 1.741.430 (3,4%), um crescimento de 62%; em 1960, 2.824.775 (4%), um crescimento de 62,2%; em 1970, 4.814.728 (5,2%), um crescimento de 70,5%; em

⁴ <http://cpadnews.com.br/conteudo-exclusivo/14160/evangelicos:-ha-202-anos-no-brasil.html>

1980, 7.885.846 (6,6%), um crescimento de 63,8%; em 1991, 13.189.284 (9%), um crescimento de 67,3%; e em 2000, 26.184.941 (15,45%), o que significou um crescimento de 98,5%. Agora, somos 22,2%, com crescimento de 61%. Nesse ritmo, em 2030 ou, no mais tardar, em 2040, os evangélicos serão maioria no Brasil”.

É claro que os nazarenos devem ser destacados neste contexto histórico. Chegamos ao Brasil exatamente no dia 13 de outubro de 1958. Nosso fundador, Dr. Earl E. Mosteller recepcionou vários missionários que protagonizaram a fundação do novo movimento missionário que vinha com a responsabilidade de pregar a santidade bíblica.

Nossas estatísticas são impressionantes. Com 12 nazarenos em um culto em 1958 hoje somos quase 190.305, sem contar as crianças. Nos últimos anos podemos destacar crescimento numérico que nos destacam diante do próprio movimento evangélico brasileiro. Vejamos os percentuais de crescimento:

“Em 2005 éramos 60.138 membros; em 2006, éramos 69.087; em 2007 éramos 79.816; em 2008 passamos para 88.438; Já em 2009 fomos para 100.678; 2010 saltamos para 105.855; em 2011 chegamos a 113.939; 2012 nossa membresia alcançava a casa dos 116.434; em 2013 fomos para 125.047; 2014 éramos 135.299; 2015 fomos para 149.835; 2016 chegamos a 152.448.”⁵

Apenas à guisa de avaliação nosso percentual de crescimento numérico nos últimos dez anos foi de 115%. Crescimento substancial para uma denominação que ainda nem foi considerada pelo IBGE em suas pesquisas anuais.

O discipulado do crucificado é tomar a cruz dia-a-dia

Mateus foi muito feliz em afirmar: Jesus dizia a todos: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me" (Lucas 9:23). Tanto

Fernandez como Latz deixam claro sobre a verdadeira chamada ao discipulado realmente

⁵ *Decadal Report, Church of the Nazarene – Documento enviado pelos escritórios da Região América do Sul.*

implica em tomar a cruz. Alguns destaques são feitos dizendo que precisamos de abnegação, lealdade, maleabilidade, fidelidade. Fernandez então, trabalha com a ideia de “um desejo profundo de transformar toda sua vida. Este é uma mudança que se denomina conversão, em grego *metanóia* ou arrependimento. Isto implicava: 1) Uma mudança radical na forma de pensar e atuar. 2) uma decisão de sair do reino das trevas e entrar na comunidade do Rei. 3) Um desejo de assimilar de Jesus uma nova perspectiva de vida. 4) Um compromisso sincero por viver nesta nova vida.”⁶

É exatamente desta perspectiva que, cremos ser necessário apreciar nossa tarefa de viver uma proposta de vida que realmente venha corroborar a fé que anunciamos. Para que a cruz seja o fundamento, a base, o núcleo de um discipulado mais abrangente é necessário uma conversão que vá mais além de um ato coreográfico, mais que um levantar de mãos em nossos cultos congregacionais. Seguramente a igreja vai precisar rever sua práxis ministerial para que cada cristão que foi arrolado em sua membresia assuma de uma vez por todas a responsabilidade de ao converter-se, terá que viver de tal forma que seu entorno e mais além dele precisar notar que algo aconteceu na vida deste novo cristão. Houve mudança radical de mente e atuação, que saiu do império das trevas e foi transportado para o reino do filho do seu amor, assimilar de Jesus um novo estilo de vida e um grande compromisso de viver nesta nova decisão que tomou.

Exatamente neste ponto que cremos ser preciso colocar em destaque as palavras de Lucas 9:23 que diz: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me." É exatamente nesta parte do versículo que diz “...tome

⁶ Fernandez, Ruben. *Discipulado em el caminho a la cruz*.

diariamente a sua cruz e siga-me.” Sim, diariamente, ou seja, é um compromisso assumido de entender que tomar esta cruz diariamente significa aceitar de forma irremediável a aflição, a dor, a vergonha, e até se necessário também a perseguição por amor a Cristo e ao seu Evangelho.

O que acontece é que vivemos uma época onde o cristão esquece da sua responsabilidade do fato de ter admitido sua conversão a Jesus Cristo. Isto implica numa radicalidade de a cada dia viver à semelhança de Cristo. E viver desta forma é pagar o preço do verdadeiro discipulado. Que não está limitado ao número de pessoas que são arroladas como membros em nossas congregações, (que não tem nada de errado) mas antes discípulos fazedores de discípulos que não perde um minuto sequer para viver de forma digna da vocação que foi chamado (Efésios 4:1).

Conclusão

Certamente este assunto de tomar a cruz, dia-a-dia deveria ser mais exaustivo para que cada vez mais pudéssemos compreender profundamente o verdadeiro significado. Mas, é importante aqui dizer que se queremos fazer discípulos à semelhança de Cristo em nossos contextos vamos precisar mais que material didático, mais que projetos, mais que viagens, mais que bons programas congregacionais, mais que excelentes liturgias mais que encontros, vamos precisar de uma reavaliação de como estamos produzindo o furto do Espírito – Amor.

É urgente, que como igreja vivamos o evangelho transformador a ponto de transformar nossa sociedade. O mundo precisa urgentemente de cristãos maduros que vivem o evangelho aplicado a todas as áreas de suas vidas. O fruto do Espírito que Paulo faz conhecido aos Gálatas precisa ser manifestado – amor à família, à comunidade, ao pobre,

ao perdido, àqueles que estão precisando de hospedagem, ao desamparado, ao refugiado, aos que vivem à margem da sociedade, aos governantes, à criação de Deus. Só assim vamos demonstrar que tomamos a cruz, dia-a-dia e seguimos a Jesus (Lc.9:24). O amor estando presente em nossas vidas vamos ter: “...alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.” Gálatas 5:22,23

Reafirmamos que, contra estas coisas não existe lei em nenhum lugar do mundo. Só assim, podemos TOMAR A CRUZ E SEGUIR PARA SER MAIS FIEL A CRISTO. Mas não esqueçamos que isto é a *CADA DIA*.